



ACERVO E MEMÓRIA: O CASO ELVIRA FOEPPPEL

COLLECTION AND MEMORY: THE ELVIRA FOEPPPEL CASE

Vanilda Salignac de Sousa Mazzoni¹

Resumo: O tema deste artigo (que é mais um bate-papo) é a escritora baiana Elvira Schaun Foepfel, considerada a primeira feminista de Ilhéus. Mesmo com vasta produção literária, ficou submersa na História da Literatura, e dois motivos podem explicar seu esquecimento por parte da crítica e do público-leitor: i. Discutia assuntos referentes ao cotidiano e às questões da mulher, baseados na filosofia existencialista; ii. O formato e o hibridismo de sua obra dificultaram sua divulgação entre 1940-1960.

Palavras-chave: Autoria feminina; Bahia; Literatura.

¹ Professora colaboradora PPGLINC/UFBA, restauradora do Ateliê de Conservação e Restauração Memória e Arte. E-mail: vanildasalignac@gmail.com.

Abstract: *The subject of this article (which is basically a chat) is the Bahia writer Elvira Schaun Foepfel, considered the first feminist from the city of Ilhéus. Even with a vast literary production, her work was practically invisible in the History of Literature, and two reasons may explain its forgetfulness by critics and readers: i. She approached topics related to daily life and to women, based on existentialist philosophy; ii. The format and hybridity of her work made it difficult to publicize it between 1940-1960.*

Keywords: *Female authorship; Bahia; Literature.*

O tema deste artigo é a escritora baiana Elvira Foepfel: a vida, as incursões literárias e como a pesquisa no acervo pessoal auxiliou a construção da memória da literata.

Elvira Foepfel foi o tema de meu mestrado e do meu doutorado, na Universidade Federal da Bahia, na linha de pesquisa sobre memória e resgate de escritoras baianas do século XX, onde tínhamos que levantar o percurso intelectual e a produção de uma determinada escritora. A orientadora em ambos cursos foi a Prof^a Dr^a Ívia Alves, a quem devo toda a minha formação em pesquisa. E recebi dela nos primeiros encontros um pedaço de papel escrito apenas a frase: *Elvira Foepfel?* E a explicação era que dessa escritora só se conhecia o nome e mais nenhuma outra informação, por isso o ponto de interrogação ao final do nome. A pesquisa e estudos ocorreram entre os anos 2000 a 2004.

A pesquisa sobre Foepfel tinha alguns objetivos: levantar a biografia, resgatar a obra dispersa; inventariar a obra da escritora por gênero e analisar a produção literária objetivando preencher mais uma lacuna na historiografia da literatura feminina.

A execução da pesquisa deu-se em várias etapas, mas o principal foi mesmo o ponto de partida – como era um nome desconhecido, procuramos no mais óbvio, que era um catálogo telefônico (na época ainda existia!!!) para saber se havia alguém com o sobrenome Foepfel, e de imediato encontramos um sobrinho, Armando Schaun. A partir dele, toda a pesquisa aconteceu. Depois, foi uma sucessão de viagens ao Rio de Janeiro, São Paulo e Ilhéus para entrevistar familiares, amigos e quem quer que tivesse convivido com a escritora, pois Armando já havia nos comunicado do falecimento de Elvira em 1998, dois anos antes dos estudos sobre ela começarem. E também aproveitamos a viagem para procurar o acervo disperso e édito em pesquisas na Biblioteca Nacional, Instituto de Letras da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Colégio Nossa Senhora da Piedade (Ilhéus) e Arquivo Público de Ilhéus; já o acervo pessoal, como documentos e fotos, foi conseguido com

familiares (principalmente Maria Schaun), amigos e no Colégio Nossa Senhora da Piedade, em Ilhéus. As entrevistas foram com familiares, amigos, parentes e outros escritores, entre eles Jorge Medauar, Hélio Pólvora, Nélida Pinon, Abel Pereira e Cyro de Mattos, em um total de 13 pessoas.

Como todo pesquisador, as dúvidas foram muitas para começar a caminhar na trilha de Foeppel: começo por onde? O que pretendo com a história a ser contada? Como contar essa história? Como construir a memória de uma escritora que não teve sua vida estudada?

A angústia foi confirmada: ao final dos estudos foi possível perceber que discorrer sobre a recuperação, resgate, reconstituição, ou qualquer outra designação que se queira dar à pesquisa e ao levantamento dos textos de autoria feminina que não tenha sido incluída no cânone da literatura na modernidade é muito complicado, pois é necessário operar com determinados temas gerais e universais que foram formas de afirmação de uma identidade nacional literária, e para aquela que não se encontra dentro de um determinado parâmetro esperado só sobrou a exclusão. E como estudar uma escritora que já se sabia ter sido silenciada, portanto, excluída dos compêndios literários? A resposta é: Mergulhando em sua vida e em sua obra para compreender o seu pensamento, sua construção identitária e o reflexo disso na produção literária.

1 BIOGRAFIA

Elvira Schaun Foeppel nasceu em Canavieiras, sul da Bahia, em 15 de agosto de 1923. A família mudou-se para uma cidade mais próspera, Ilhéus, quando a menina estava com dois meses de idade. Lá, ela cresceu e recebeu instrução formal, concluindo o curso de Magistério no Colégio Nossa Senhora da Piedade, das Madres Ursulinas, em 1942, aos 19 anos.

Ainda cursando o colegial, aos 15 anos, a veia artística começou a dar os primeiros sinais: em 1938, participou como protagonista em duas peças que foram encenadas no Teatro de Ilhéus: uma personagem divorciada, no texto *A divorciada*, de Oduvaldo Vianna; e uma bailarina vivendo um triângulo amoroso, em *As máscaras*, de Menotti Del Picchia. No entanto, no que diz respeito à sua incursão literária o início foi aos 21 anos, no jornal *Diário da Tarde*, onde publicou, entre 1944 e 1947, 28 poemas em uma página completamente deslocada de seu objetivo – a Coluna Social – demonstrando a sua falta de prestígio enquanto poeta.

O que Foeppel não atinou é que no afã de se realizar enquanto artista, ela se viu envolvida em duas profissões – atriz e escritora – nem um pouco agradáveis para a imagem feminina em um período político bastante complicado no país – a repressão da Ditadura Vargas.

E era natural que sofresse represália pela situação nada confortável para a imagem que se desejava da mulher ao final dos anos 30, pois a pequena Ilhéus dos anos 1930-1940 era uma Cidade portuária, marcada pela política dos intendentes e coronéis (os quais mandavam e desmandavam no local, fortalecendo o código moral baseado nos princípios iluministas da burguesia) e que estava atenta ao comportamento “afrontoso” dela – professora primária, que, deliberadamente, havia decidido que o seu destino não seria o casamento; uma mulher de conduta livre; de discurso em prol da liberdade feminina; de beleza estonteante; intelectual, e que, acima de tudo, gostava de chamar atenção para si por esses atributos e se orgulhava disso.

Como consequência, em 1947, foi vítima do cerceamento que estava em voga na época, não por motivos políticos explícitos, mas por motivos *éticos*, e teve que se *afastar* da cidade. Naquele mesmo ano transferiu-se para o Rio de Janeiro em busca de novos espaços em que pudesse atuar como escritora de forma mais livre.

Entretanto, na década de 40, as mulheres solteiras e escritoras deparavam-se com muitos empecilhos, e com ela não foi diferente – além de encontrar muitas concorrentes na área (o que não ocorria em sua terra natal), também teve dificuldades em adaptar-se à nova cidade, pois não bastaria apenas a mudança de local para a neófita ser reconhecida como literata.

Sabe-se que Elvira Foeppel saiu de Ilhéus sozinha, aos 24 anos, e, com ajuda de um amigo conterrâneo, conseguiu um emprego como secretária da *Revista Súmula Trabalhista*, de Legislação Federal, dirigida por Nelson da Fonseca, na qual chegou ao posto de redatora-chefe, cargo em que se aposentou no final dos anos 70, após 30 anos de serviço. Embora tivesse sido aprovada nos concursos do Ministério da Marinha e da Petrobras, preferiu trabalhar com uma ocupação burocrática porque poderia dedicar-se à vida literária, seu real intento no Rio de Janeiro. Depois de dois anos de instalada na capital, mandou buscar o pai, e mais dois anos depois, a mãe e os quatro irmãos menores.

No Rio de Janeiro, Foeppel construiu uma nova vida, tanto pessoal quanto profissional, conheceu pessoas influentes ao mesmo tempo em que conviveu com outros intelectuais baianos, como os escritores Abel Pereira,

Jorge Medauar, Adonias Filho, e o amigo pessoal, Raimundo de Sá Barreto, que costumava visitá-la.

A produção literária de Elvira Foeppel é composta de três livros: *Chão e poesia* (1956), *Círculo do medo* (1960) e *Muro frio* (1961); 22 poemas publicados no *Diário da Tarde*; 28 textos dispersos entre contos, crônicas e resenhas literárias².

Foeppel faleceu no Rio de Janeiro, no dia 28 de julho de 1998, aos 74 anos, vítima de várias complicações decorrentes de um acidente vascular cerebral.

2 A PRODUÇÃO LITERÁRIA DE FOEPEL E A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA

Com uma produção tão vasta para pouco tempo de publicação, quais os motivos de não ter sido reconhecida nacionalmente e ter sido silenciada, não formando um público-leitor? Provavelmente, os pontos nevrálgicos na obra de Elvira Foeppel e que levaram ao limite do cerceamento de sua escrita foram: i. Entre os anos 1930 e 1960 o que marca a literatura brasileira é a vertente temática voltada para o nacional e sua problemática (leia-se regionalismo modernista), e Foeppel discutia sob a égide da filosofia existencialista; ii. A eleição desse paradigma de imediato exclui a autoria feminina; iii. Embora a autora tenha se estabelecido no Rio de Janeiro, centro do poder político e cultural do país, não se interessou pela intensa vida intelectual e cultural da cidade, o que poderia ter ajudado na divulgação de sua produção literária, ela apenas se permitiu conviver com escritores e intelectuais que eram seus amigos particulares, sem buscar fazer novas parcerias e conquistar novos amigos ou leitores.

Aliado aos motivos citados havia um mais grave: a receptividade dos críticos literários, que reproduziram os mesmos objetivos de seus colegas predecessores do século XIX: excluíram quem não apresentasse valor estético na obra, justificando a não incorporação ao famoso *cânone literário*, e, certamente, a mulher não estava incluída entre os escritores capazes dessa façanha, o que, por si só, valia sua exclusão.

Essa dificuldade de encontrar alguma crítica sobre a produção feminina anterior ao final do século XX ou até mesmo a resistência em ler essa escrita foi

² Até o momento esta foi a produção encontrada nas pesquisas sobre a escritora baiana Elvira Foeppel nos periódicos cariocas como *O Cruzeiro*, *Leitura*, *Importante*, *Carioca*, *Jornal Correio da Manhã*, entre os anos 1948 e 1972.

discutida por várias estudiosas de gênero, como Duarte (1997) e constata sempre a mesma exclusão e os mesmos motivos:

Por tudo isso, compreende-se por que raramente encontramos um nome feminino antes dos anos 40, quando examinamos manuais de Literatura e antologias mais conhecidas. E é precisamente porque temos consciência de tal situação e pretendemos rever a participação da mulher nas letras nacionais, que realizamos todo esse trabalho de recuperação de autoras, reexaminando seus textos e questionando o cânone literário nacional (DUARTE, 1997, p. 93).

E foi ratificado por Alves (1998), quando afirma que, de fato, essa escrita foi neutralizada porque não conseguiu alcançar o patamar desejado pelos críticos literários que se escondiam atrás de um modelo completamente engessado e consagrado – a comparação com a escrita de autoria masculina, e nessa fragilidade, a mulher perde no valor estético do discurso esperado.

Foeppel não foi a única escritora a ser apagada dentro desse “olhar vigilante”, a sua geração criou um elo com o seu tempo, sintonizou-se com o seu momento através de uma leitura da literatura, artes e filosofia, mas sofreu grande descaso da crítica e a consequente exclusão das Histórias Literárias. Autoras como Clarice Lispector, Rachel Jardim, Nélide Piñon e a própria Foeppel foram envolvidas com o universo sartriano e sua teoria existencialista, a qual Maciel (1986) define como “a moderna filosofia da existência”, cuja importância não está só no fato de reconhecer a experiência humana como recheada de negatividade, de sentido trágico da vida, mas deixar essa experiência transformar-se em “absoluta reflexão filosófica”, uma vez que o existencialismo rejeita o idealismo e resiste ao materialismo.

A construção da memória de Foeppel só possível através de sua narrativa, pois a escritora tem um modo muito particular de construir o mundo – foca no “olhar” a vigiar o mundo. Esse mesmo olhar crítico e cerceador do qual foi vítima.

São narradas e descritas personagens que não veem saída, que não acreditam em mudanças, que não têm perspectiva de que algo vá se transformar para melhorar suas vidas. Na sua maioria representam mulheres que não se adaptam à vida doméstica: são esposas desesperançosas por terem maridos que não lhes dão atenção; mulheres que, após o casamento, tornaram-se apenas donas-de-casa a esperar seus companheiros à noite com a mesa posta. Ou são mães que não se realizam com a maternidade, que sentem o evento como um fardo, contrariando todas as ideologias de que a mulher é

incompleta sem filhos – muitos personagens infantis são crianças aleijadas, doentes, perversas, famintas – tornando suas mães tristes por não terem o sentimento esperado para aceitá-los. Também os homens, idealizados por essas mulheres, não são parceiros amantes ou companheiros, e a realização sexual e a amorosa decepcionam por não poder encontrar essas qualidades em um único ser.

Exatamente como Foeppel viveu sua vida – são muitas dores, feridas, sofrimentos, e uma única alegria – viveu como quis, não aceitou nenhum papel já convencionado sem a sua permissão.

De fato, não confrontou ninguém que lhe recusou compreensão, seja das escolhas pessoais de sua vida seja pela sua escrita, mas também não aceitou. Silenciou e caminhou, sem resistência exterior, entretanto, brigou com aquilo mais lhe era conveniente, seguro e que lhe dava ares de transgressão – a sua linguagem, o seu discurso hermético, que tanto a diferenciou de outros colegas de profissão. Pagou seu preço – foi excluída, esquecida e apagada da historiografia literária brasileira. Xavier (1991) confirma:

Sabe-se da estreita relação entre linguagem e sujeito, e, portanto, quando uma mulher articula um discurso este traz a marca de suas experiências, de sua condição; práticas sociais diferentes geram discursos diferentes (XAVIER, 1991, p. 13).

A pesquisa e estudo sobre Foeppel geraram uma série de trabalhos objetivando divulgar a sua memória e sua obra: foram 13 artigos publicados, várias apresentações pelo Brasil em eventos científicos, dois livros publicados, homenagens e vários convites para palestras desde os anos 2000.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dificuldade na aceitação ou na leitura dos textos de autoria feminina existe porque esta leitura requer uma certa apropriação de operadores a fim de não cairmos nas armadilhas proporcionadas pelos hábitos adquiridos com as teorias literárias fundadas no discurso hegemônico moderno. A esses operadores dá-se o nome de *leitura de gênero, literatura feminista*, ou qualquer nome que se deseja dar a uma teoria que se aproxime do discurso que inclua a mulher como sujeito de sua própria história. Acrescentem-se aos operadores as ferramentas necessárias no auxílio à compreensão da leitura de autoria

feminina, como identificar a questão da linguagem, do tema e do tratamento à sociedade.

Cercear a voz feminina para que a mulher não tenha representatividade em nossa sociedade é uma recorrência na história das mulheres há séculos. O século XIX assistiu ao recrudescimento dessa situação por apresentar um código de comportamento herdado da burguesia iluminista que vetou a inserção do chamado “sexo frágil” nas questões que deveriam pertencer apenas ao mundo viril, definindo os papéis femininos para as funções que conhecemos – mãe, esposa e dona-de-casa, sendo que, para este último papel nos deram um título de consolo, *rainhas do lar*.

Foeppel transgrediu regras (por ser mulher e escritora), impôs sua forma de escrever, viver, de vestir e de se comportar. O preço de sua ousadia está impresso em sua literatura e em sua vida. Os textos de Foeppel devem ser lidos com este outro olhar: o do estudo das relações de gênero, despindo-se dos preconceitos embutidos, no intuito de não só resgatar a escrita como também ampliar a história da literatura brasileira com a inclusão da autora e de suas obras.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ivya. Escritoras do século XIX e a exclusão do cânone literário. In: _____. *Metamorfoses*. Salvador: EDUFBA/NEIM, 1998. (Cópia digitada)
- DUARTE, Constância Lima. O cânone literário e a autoria feminina. In: AGUIAR, Neuma (Org.) *Gêneros e Ciências Humanas – desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- FOEPPPEL, Elvira. *Chão e poesia*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1956.
- FOEPPPEL, Elvira. *Círculo do medo*. Rio de Janeiro: Leitura, 1960.
- FOEPPPEL, Elvira. *Muro frio*. Rio de Janeiro: Leitura, 1961.
- MACIEL, Luiz Carlos. *Sartre: vida e obra*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- MAZZONI, Vanilda Salignac de S. *A violeta grapiúna: vida e obra de Elvira Foeppel*. Ilhéus: Editus, 2003.
- MAZZONI, Vanilda Salignac de S.; LOSE, Alicia Duhá (Org.). *Da sombra à luz: seleção de contos de Elvira Foeppel*. Ilhéus: Editus, 2004.
- XAVIER, Elódia. Reflexões sobre a narrativa de autoria feminina. In: _____. *Tudo no feminino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 22/04/2018.

Aprovado em sistema duplo cego em: 23/05/2018.